

## Escritas informais na cidade de São Paulo: um estudo piloto nos bairros da Lapa e Pompeia

*Informal handwritings in São Paulo city: a pilot study in Lapa and Pompeia neighborhoods*

CASTELUCCI, Giovani de Menezes; Mestrando; USP

giovanicastelucci@usp.br

FARIAS, Priscila Lena; Doutora; USP

prifarias@usp.br

### Resumo

Com o intuito de observar como pessoas que não possuem formação nem experiência em design resolvem graficamente suas necessidades cotidianas de comunicação (sobretudo comercial), foi realizado um estudo piloto de caráter qualitativo e predominantemente descritivo, com foco em elementos tipográficos efêmeros, informais e populares encontrados no ambiente urbano da cidade de São Paulo. O método situacionista da deriva foi adotado para obter registros fotográficos de artefatos contendo elementos tipográficos encontrados em comércios, estabelecimentos, ruas, muros, postes e demais suportes nos bairros da Lapa e Pompeia, e o método da análise de artefato foi usado para identificar as principais características tipográficas, gráficas, materiais, processuais, semânticas, de diagramação e de configuração das inscrições. A descrição e análise dos artefatos fotografados permitiu observar uma ampla variedade de soluções, gerando uma matriz de aspectos e características relevantes que poderá ser aplicada em outros estudos.

**Palavras Chave:** tipografia vernacular; letreiramento; paisagem tipográfica.

### Abstract

*In order to observe how people who have no training or experience in design graphically solve their everyday communication needs (especially commercial ones), a qualitative and predominantly descriptive pilot study was carried out, with a focus on ephemeral, informal and popular typographic elements found in São Paulo city urban environment. The situationist method of dérive was adopted in order to obtain photographic records of artifacts containing typographic elements found in businesses, establishments, streets, walls, posts and other supports in Lapa and Pompeia neighborhoods, and the analysis of artifact method was employed for identifying the main typographic, graphic, material, procedural, semantic, layout and configuration characteristics of the inscriptions. The description and analysis of the artifacts photographed allowed the observation of a wide variety of solutions, generating a matrix of relevant aspects and characteristics that may be applied in further studies.*

**Keywords:** vernacular typography; lettering; typographic landscape.

## 1 Introdução

Muitos dos estudos realizados nos últimos anos sobre letras no ambiente urbano partem da categorização de paisagens tipográficas criada pelas pesquisadoras paulistanas Anna Paula Silva Gouveia, Priscila Lena Farias e sua equipe (GOUVEIA et al 2007 e 2009), e posteriormente atualizada por Farias (2016 e 2017). Segundo essa abordagem, os elementos tipográficos encontrados no ambiente urbano são divididos em dez categorias, elencadas de acordo com seu grau de perenidade: tipografia arquitetônica, honorífica, memorial de registro, artística, normativa, comercial, acidental, móvel e involuntária.

A partir dessa categorização, a pesquisadora pernambucana Fátima Finizola (2010), no contexto de uma investigação sobre letreiramentos populares, propôs subcategorias para os elementos tipográficos comerciais e acidentais. Os elementos tipográficos comerciais foram subdivididos entre formais e informais, e estes últimos entre manuscritos e letreiramentos populares. Os elementos tipográficos acidentais, por sua vez, foram subdivididos entre “tipografia manifesto” e “tipografia usual”.

Partindo deste quadro, e buscando compreender o que caracterizaria os elementos tipográficos mais efêmeros, informais e populares encontrados no ambiente urbano, poderíamos perguntar: que características tipográficas, gráficas, materiais, processuais, semânticas, de diagramação e de configuração no espaço podem ser identificadas nas inscrições menos formais e mais espontâneas em uma cidade como São Paulo? Para responder a esta pergunta, um estudo piloto de caráter qualitativo e predominantemente descritivo foi realizado, tendo como foco artefatos contendo elementos tipográficos encontrados em comércios, estabelecimentos, ruas, muros, postes e demais suportes nos bairros da Lapa e Pompeia, na zona oeste de São Paulo.

O estudo piloto cujos métodos e resultados são aqui apresentados e discutidos é parte de uma pesquisa maior, cujo objetivo é identificar as características gráficas de manuscritos populares e elementos tipográficos acidentais usuais presentes no contexto urbano contemporâneo e, conseqüentemente, observar como pessoas que não possuem formação nem experiência em design resolvem graficamente suas necessidades cotidianas de comunicação – sobretudo comercial.

Na pesquisa em questão serão realizados registros fotográficos em diferentes regiões da cidade de São Paulo. O estudo piloto aqui apresentado serviu para que fossem identificadas questões, problemas e eventuais necessidades de ajustes no âmbito do levantamento, tratamento e análise de dados.

Como aponta o urbanista e escritor estadunidense Kevin Lynch (1980, p. 58) “as pessoas observam a cidade à medida que nela se deslocam”. Nossa forma de pensar e agir é diretamente influenciada por tudo o que nos cerca, e assim podemos dizer que nosso pensamento é moldado, em grande parte, pelas obras de arquitetura, urbanismo e design com as quais convivemos diariamente. Quando o deslocamento é feito a pé, de bicicleta ou por outra forma ativa de mobilidade, o contato que temos com o ambiente se acentua e conseguimos observar com mais atenção o que está ao nosso redor. A cidade pode se tornar fonte de estímulo da criatividade, ao mesmo tempo que é pano de fundo de atividades criativas que nela acontecem. “Assim, o mundo torna-se um imenso território estético, uma enorme tela sobre a qual desenhar através do caminhar.” (CARERI, 2013, p. 133).

Palavras encontradas nos percursos cotidianos sugerem o que comer, oferecem vagas de emprego, indicam qual grão está sendo vendido a granel ou informam à pessoa que faz a leitura do gás como proceder. Esses pedidos e avisos muitas vezes nos fazem desviar nosso caminho ao encontrar o que buscávamos ou descobrir o que nos parece interessante no momento. Como apontado pelo historiador francês Michel de Certeau (1998, p. 179) ao examinar o cotidiano, “a arte de 'moldar' frases tem como equivalente uma arte de moldar percursos”.

O campo do design gráfico é, em grande parte, voltado a solucionar problemas de comunicação de forma gráfica para auxiliar a orientar as pessoas em suas necessidades cotidianas. Conforme o designer, escritor e professor alemão Gui Bonsiepe (2011, p. 116) "o designer, como produtor das distinções visuais e da semântica da cultura cotidiana, influi nas emoções, nos comportamentos e nas atitudes do usuário". O mapa do metrô, o logotipo na fachada de um estabelecimento e o anúncio disposto em um mobiliário urbano são alguns dos exemplos de peças de comunicação que cumprem essa função, daí a importância de especialistas participarem de sua criação.

Entretanto, no contexto brasileiro atual, em que Microempreendedores Individuais (MEIs) compõem a maior parte das empresas do país segundo a base de dados do Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ), é possível afirmar que as pessoas que possuem pequenos negócios precisam realizar tarefas (para as quais não se especializaram) além das necessárias para sua atividade fim. Pintura de paredes, pequenos reparos e a própria comunicação visual nem sempre podem contar com profissional especializado, portanto empresários desse porte acabam precisando atuar como o *bricoleur* descrito por Lévi-Strauss:

O *bricoleur* está apto a executar grande número de tarefas diferentes (...) seu universo instrumental é fechado e a regra de seu jogo é a de arranjar-se sempre com os meios-limites, isto é, um conjunto, continuamente restrito, de utensílios e de materiais heteróclitos, além do mais, porque a composição do conjunto não está em relação com o projeto do momento, nem, aliás, com qualquer projeto particular. (LÉVI-STRAUSS, 1976, p. 38).

Praticantes do faça-você-mesmo, pessoas que possuem lanchonetes, barracas de hortifruti e demais comércios (formais e informais) precisam recorrer às ferramentas e suportes que têm ao seu alcance para resolver suas necessidades de comunicação. Quais semelhanças existem entre os diferentes artefatos criados por essas pessoas? Quais singularidades podem ser observadas? É possível identificar a predominância de alguma ferramenta? Quais as características materiais dos suportes que recebem essa comunicação? Essas são algumas das questões que o artigo pretende responder.

## 2 Estudos sobre letras no espaço urbano

Caminhar e coletar artefatos ao longo do percurso são formas de apreender melhor o mundo que nos rodeia. Não à toa, diversos artistas e pesquisadores têm a prática de trazer para o ateliê ou para sua produção textual artefatos, percepções, sensações e registros do que encontram em seu caminho no ambiente urbano. Coletar (fisicamente ou por meio de registros), agrupar e dispor os elementos coletados (ou seus registros) de acordo com determinados aspectos permite que padrões emergam e, com isso, que relações entre características desses elementos possam ser estabelecidas, iluminando aspectos a seu respeito.

Uma “paisagem tipográfica” pode ser definida como “um subconjunto de elementos gráficos presentes no ambiente público: os caracteres que formam palavras, datas, e outras mensagens compostas por letras e números” (Gouveia et al, 2007, p. 2). Pesquisas já realizadas sobre paisagens tipográficas na cidade de São Paulo incluem estudos sobre epígrafes arquitetônicas paulistanas (GOUVEIA et al, 2008), investigações a respeito de manifestações *art déco* em letreiros de edifícios paulistanos (DELBOUX, 2013 e 2018), estudo comparativo entre epígrafes arquitetônicas paulistanas e londrinas (FARIAS, 2015), investigação sobre letras presentes em mensagens comerciais inseridas na paisagem urbana paulistana nos primeiros anos do século XX (COSTA; FARIAS, 2021), entre outras.

Entre as pesquisas sobre paisagens tipográficas no estado de Pernambuco, destacam-se a dissertação de mestrado *Panorama Tipográfico dos Letreiramentos Populares: um estudo de caso na cidade do Recife* (FINIZOLA, 2010), e a tese *A Tradição do Letreiramento Popular em Pernambuco: uma investigação acerca de suas origens, forma e prática* (FINIZOLA, 2015). Na primeira, a autora registra o trabalho de letristas populares da cidade de Recife, investigando as origens de suas influências estéticas a partir dos artefatos produzidos por estes profissionais. Na segunda, a autora dá continuidade à pesquisa anterior partindo para outras cidades de Pernambuco e entrevistando pintores de letras para compreender melhor seu ofício, inspirações, processo de aprendizado e os materiais e técnicas empregadas. Também relevante para o estudo aqui relatado é o trabalho de conclusão de curso de Bianca Faria Neves Regueira sobre manuscritos populares nos mercados de Recife (Regueira, 1999).

Entre os estudos sobre letras no espaço urbano do Rio de Janeiro, é possível encontrar um perfil de letristas em *As dimensões do design gráfico vernacular: uma introdução ao universo dos letreiros pintados à mão* (CARDOSO, 2005), e também a análise de artefatos criados por letristas (além de entrevistas com oito deles) em *Tipografia pintada no Centro do Rio de Janeiro* (GUIMARÃES; LESSA, 2013).

A paisagem tipográfica de Belo Horizonte foi investigada a partir de vasta pesquisa de campo, incluindo o registro de artefatos vernaculares – em geral, pinturas produzidas à mão livre, diretamente em muros, placas e cartazes – em pesquisa que resultou na dissertação de mestrado *Letras do cotidiano: a tipografia vernacular na cidade de Belo Horizonte* (ELLER, 2014). O tema também foi explorado a partir de dez exemplos de tipografia popular na dissertação de mestrado *Tipografia popular: potências do ilegível na experiência do cotidiano* (MARTINS, 2005).

Letras no espaço urbano do Rio Grande do Sul foram tema da pesquisa que resultou no artigo *Porto Alegre Gráfica: levantamento de aspectos gráficos no contexto urbano* (GALLINA; SCHERER, 2019), no qual os autores identificam 13 categorias de registros de elementos comunicacionais e informativos no Centro Histórico da capital gaúcha. Foram também tema de estudo realizado na cidade de Pelotas a partir do qual duas categorias foram apresentadas em *Paisagens tipográficas pelotenses: levantamento inicial do acervo e algumas definições metodológicas* (BRISOLARA, 2015).

Em relação às paisagens tipográficas do Pará, o trabalho de conclusão de curso de especialização *Letras que flutuam: o abridor de letra e a tipografia vitoriana* (MARTINS, 2008) traz os primeiros resultados do projeto homônimo, que registra e analisa a tipografia decorativa dos barcos amazônicos. Neste estudo, Martins argumenta que, a partir da apropriação do estilo de letras decorativas vitorianas, foi desenvolvido um estilo próprio regional no fazer dos "abridores de letras", como são chamados os mestres que pintam os alfabetos ribeirinhos. Já em *Toda a cidade*

de São Francisco do Pará conforme encontrada no dia 12 de janeiro de 2020 (PIQUEIRA, 2020), o autor fotografou todas as placas comerciais do núcleo urbano da cidade de cerca de quinze mil habitantes, o que resultou numa publicação-cartaz contendo todas as fachadas registradas.

Diversas outras obras que abordam a paisagem gráfica e tipográfica podem ser encontradas no artigo *Revisão sistemática da literatura: memória gráfica, paisagem urbana e a discussão do conceito de memória gráfica urbana* (COUTINHO; PAES, 2021).

É possível notar que a maior parcela de pesquisas sobre letras no ambiente urbano leva em conta trabalhos realizados por letristas profissionais, cujo ofício possui particularidades e estilos variados de criação, boa parte das vezes imbuídos de muita experiência prática. No entanto, é mais escassa a produção de pesquisas sobre letras produzidas por não profissionais.

Dentro da categorização proposta por Finizola (2010), letras produzidas por não profissionais são descritas como “manuscritos populares”, uma das subdivisões da tipografia comercial informal, ou como “tipografia usual”, uma das subdivisões da tipografia acidental. A tipografia comercial informal, segundo Finizola (2010), seria aquela confeccionada por artífices ou pessoas comuns, geralmente a partir de processos manuais.

Os manuscritos populares, por sua vez, seriam caracterizados por uma confecção “mais espontânea e ingênua, geralmente produzida por pessoas comuns ou donos dos próprios estabelecimentos de maneira improvisada sem nenhum projeto prévio”, enquanto a tipografia usual compreenderia “artefatos de comunicação efêmeros feitos de maneira improvisada geralmente por pessoas comuns, como cartazes e bilhetes” (FINIZOLA, 2010, p. 66).

São esses artefatos, contendo escritas informais criadas de maneira espontânea e aparentemente sem projeto prévio, a partir de processos manuais, ferramentas e suportes cotidianos, por pessoas sem formação ou atuação profissional em design ou letreiramento, encontrados na cidade de São Paulo, que compõem o *corpus* da pesquisa em andamento cujo levantamento piloto, realizado nos bairros da Lapa e da Pompeia, é descrito neste artigo.

### 3 Método e procedimentos

O levantamento de dados para o estudo piloto consistiu em registro fotográfico de caráter exploratório, realizado a partir de uma deriva que teve início no bairro da Pompeia em direção ao bairro da Lapa, voltando à Pompeia por ruas diferentes. A deriva é um método adequado para estudos exploratórios pois possibilita encontros inesperados a partir de caminhadas não planejadas rigorosamente, mas com o olhar atento para a busca desejada e uma abordagem lúdico-constructiva. O filósofo francês Guy Debord, em texto originalmente publicado em 1958, definiu a deriva da seguinte maneira:

Entre os diversos procedimentos situacionistas, a deriva se apresenta como uma técnica de passagem rápida por ambiências variadas. O conceito de deriva está indissoluvelmente ligado ao reconhecimento de efeitos de natureza psicogeográfica e à afirmação de um comportamento lúdico-constructivo, o que o torna absolutamente oposto às tradicionais noções de viagem e de passeio. (DEBORD, 2003, p. 87).

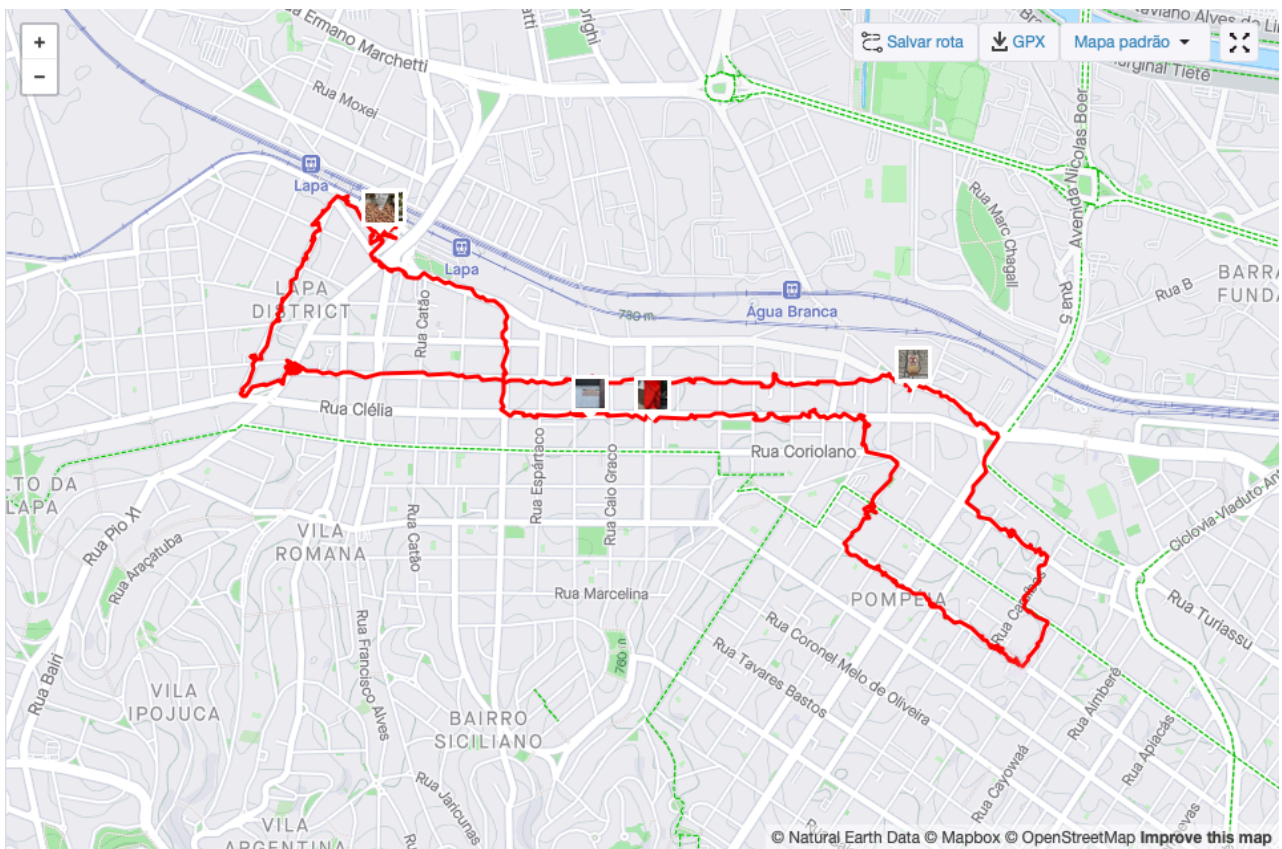
Durante a deriva, foram feitos registros fotográficos dos artefatos encontrados, para posterior tratamento e análise de aspectos intrínsecos e extrínsecos dos elementos tipográficos (FINIZOLA, 2010, p. 74-89). Foi realizada também uma análise dos artefatos, algo que, segundo os designers e pesquisadores estadunidenses Bruce Hanington e Bella Martin, consiste em um exame

sistemático da qualidade material, estética e interativa dos objetos para melhor compreensão de seus contextos físicos, sociais e culturais (HANINGTON; MARTIN, 2012, p. 25). Este tipo de análise permite apreender o que os objetos dizem a respeito das pessoas que criam ou interagem com ele, bem como de sua cultura, seu tempo e seu local. Auxilia também na compreensão a respeito da localização, disposição, mecânica, complexidade, interação e demais aspectos do objeto.

### 3.1 Levantamento

O levantamento de dados foi realizado no dia 13 de abril de 2024 (um sábado), das 11h às 15h30. O percurso da deriva teve início na rua Ministro Ferreira Alves, na Pompeia, em direção noroeste, sentido Lapa. As principais ruas percorridas foram: Raul Pompeia, Venâncio Aires, Clélia, Aurélia, Guaicurus, 12 de Outubro, Faustolo, Carlos Vicari, Pompeia, Caraíbas, Padre Chico e Xerentes, mesclando regiões residenciais e comerciais (figura 1). Aproximadamente metade dos registros fotográficos foram realizados no interior do Mercado da Lapa,<sup>1</sup> enquanto a outra metade distribuiu-se ao longo do trajeto. Embora a ideia inicial fosse registrar artefatos presentes em calçadas e estabelecimentos localizados nas ruas, a decisão de adentrar o mercado público se mostrou coerente, uma vez que mantém a característica de concentrar artefatos gráficos de comunicação voltada ao público que transita a pé no ambiente urbano de São Paulo.

Figura 1 - Captura de tela do aplicativo Strava exibindo o trajeto percorrido



<sup>1</sup> O Mercado Municipal da Lapa foi fundado em 1954 e conta com aproximadamente noventa lojas que vendem alimentos, ervas, utilidades domésticas, entre outros insumos. Sua entrada principal é pela rua Herbart, número 47, próximo a duas estações de trem e a um terminal de ônibus. O mercado funciona de segunda a sábado, das 8h às 18h.

O levantamento ocorreu em um sábado com o intuito de encontrar variados comércios abertos, ainda que com movimento consideravelmente menor do que durante a semana. Os seguintes materiais foram levados em uma mochila: caderno; canetas; cabo e carregador portátil de celular; garrafa d'água; pote com oleaginosas; óculos escuros e câmera fotográfica (*Canon EOS Rebel T5*).

O percurso foi registrado pelo aplicativo de celular *Strava*, que também forneceu outras informações acessórias (12.132 passos, 13,01 quilômetros, 87 metros de elevação, 3:03 horas de movimentação, 4:26 horas de atividade total). Esse aplicativo permite exportar o mapa no formato .gpx, que pode ser lido pelo conversor online *GPS Visualizer* (que, por sua vez, permite que o mapa seja exportado no formato .svg, podendo, assim, ser manipulado por qualquer programa de desenho vetorial). Para o presente levantamento, a versão gratuita do aplicativo *Strava* foi utilizada. O conversor *GPS Visualizer* é inteiramente gratuito.

A intenção inicial era fotografar os artefatos a partir de três enquadramentos: o primeiro, com o artefato ocupando todo o campo da foto (essas foram as fotografias utilizadas para o tratamento e análise posterior); a segunda foto seria tirada de uma distância ligeiramente maior, com intenção de mostrar o contexto próximo do artefato em questão; uma terceira fotografia seria tirada a uma distância considerável, no intuito de exibir o contexto geral em que o local se insere na rua. Essa estratégia se mostrou eficiente em parte dos registros realizados na rua, e auxiliou o tratamento de dados por fornecer mais informações sobre o contexto, porém tornou o processo mais moroso e, em locais com alta circulação (o próprio mercado, por exemplo, com seus corredores estreitos), se mostrou difícil.

As fotografias foram feitas no formato *RAW*, que permite melhor resolução de imagem e também um melhor tratamento da iluminação. Isso se mostrou útil para fotos que foram feitas às pressas, e com iluminação não ideal. Esse formato também colaborou nos casos em que a foto foi feita à distância e precisou de um recorte mais aproximado, feito por um programa de edição de imagens, para as análises.

Ao fotografar os artefatos, o olhar curioso das pessoas ao redor gerava certo desconforto. Por outro lado, o ato de fotografar servia como pretexto para conversar com algumas pessoas que trabalhavam nos estabelecimentos registrados, e obter dados complementares.

No mercado, um segurança perguntou se alguém havia autorizado a realização de fotografias. Como não havia sido solicitada tal autorização, foi necessário mostrar as fotografias a uma funcionária e explicar que se tratavam de registros para pesquisa acadêmica, além de ressaltar que nenhuma pessoa apareceria nas fotos. Ela afirmou que não havia problema com as fotos já tiradas, mas que, para a realização de novas fotografias, uma autorização deveria ser formalmente solicitada.

### 3.2 Tratamento

A primeira etapa do tratamento de dados foi a seleção das imagens que seriam utilizadas para análise. Das 197 fotografias realizadas, foram escolhidas 88, descartando fotos tremidas, desfocadas ou que apenas variavam o ângulo. O levantamento inicial também continha registros de artefatos populares de comunicação feitos via computador, mas que foram descartados uma vez definido que o objeto de estudo seria composto apenas por artefatos contendo caracteres manuscritos.

Após tratamento simples para correção de cor e iluminação no programa de edição de fotos *Lightroom*, as imagens foram inseridas na plataforma *Miro*, que funciona como uma espécie de quadro branco onde conexões entre os itens dispostos podem ser feitas de maneira prática. Ao visualizar o conjunto de fotografias dispostas, foi possível perceber que havia uma quantidade similar de artefatos registrados dentro e fora do mercado. Esses grupos foram, então, separados para que o tratamento fosse feito levando em conta as duas tipologias de local.

A próxima etapa do tratamento de dados consistiu em uma indexação, em grande parte indutiva, de aspectos sugeridos pelos próprios artefatos (em contraponto a uma indexação dedutiva, em que cada artefato seria classificado com base em categorias pré-existentes). Foram usadas como referência a ficha de análise tipográfica descrita por Finizola (2010, p. 87-88) e as categorias propostas por Gouveia et al (2007 e 2009) e Farias (2016). Aspectos intrínsecos e extrínsecos das letras presentes nos artefatos foram observados. Segundo o pesquisador britânico Michael Twyman (apud Finizola, 2010, p. 58), os aspectos intrínsecos dizem respeito às formas particulares de cada letra que caracterizam seu conjunto, enquanto os extrínsecos se referem a como essas letras e palavras estão configuradas e dispostas e sua relação com o leiaute da página. Portanto, foram observados aspectos como: quantidade de cores; diagramação; uso de maiúsculas; ferramenta e suporte utilizados; disposição do item no ambiente e aspectos sobre o conteúdo escrito (Tabela 1).

Grosso modo, a descrição foi realizada em duas etapas: primeiro, foram listados possíveis aspectos a serem observados nas fotografias (tais como “diagramação” e “ferramenta”); cada aspecto agrupava, então, *sticky notes*<sup>2</sup> de uma mesma cor com características observadas durante o levantamento de dados.

A segunda etapa consistiu em olhar cada uma das fotografias e aplicar as respectivas *sticky notes* de acordo com as características efetivamente observadas nas imagens. Por se tratar de uma indexação com forte caráter indutivo, muitas fotografias revelavam aspectos não previstos (alguns suportes, por exemplo, foram utilizados em apenas um ou dois artefatos registrados). A cada nova instância, a lista de *sticky notes* era atualizada com o novo item, que poderia ser aplicado nas fotos seguintes (nesses casos, uma busca retroativa também era feita com o intuito de verificar se fotos já classificadas poderiam receber as novas *sticky notes*).

Esse processo foi efetuado em todas as fotos escolhidas para o tratamento, e algumas outras foram utilizadas para lembrar de algum aspecto ou contexto espacial em que as fotos mais próximas foram feitas. Concluído o tratamento, aspectos salientes ajudaram a partir para a etapa de análise, descrita a seguir.

### 3.3 Análise

A descrição dos artefatos com base nas características apontadas resultou em uma matriz de aspectos e características observáveis, que podem servir para futuros levantamentos. A matriz final é fruto de ajustes realizados em dois sentidos: em parte, grupos de aspectos foram consolidados em um único aspecto mais geral e que poderia, assim, ser associado a um espectro mais amplo de características; por outro lado, alguns agrupamentos de aspectos foram divididos, com o objetivo de especificar melhor diferentes características observadas.

---

<sup>2</sup> Recurso do *Miro* que se assemelha a um *post-it*.



Analisar as imagens após a descrição permitiu a identificação de atributos relevantes dos artefatos. Por consequência, a singularidade de cada item ganhou força, assim como a recorrência de determinadas soluções na confecção das peças. O processo analítico, que se caracteriza por decompor o todo para identificar sua natureza e estruturas, permitiu boa compreensão do conjunto e de suas particularidades.

#### 4 Resultados

As etapas de tratamento e análise dos dados levantados permitiram o estabelecimento de uma matriz para a descrição dos artefatos registrados a partir de categorias como diagramação, aspectos tipográficos, ferramentas utilizadas, suportes, entre outras. Essa matriz descritiva também permitiu salientar recorrências e singularidades encontradas no material. Por se tratar de um *corpus* naturalmente irregular, com muitas ocorrências singulares, o quadro criado não esgota as possíveis combinações de características observadas em artefatos contendo escritas informais (sejam elas manuscritos populares ou tipografia usual) no ambiente urbano. Nesse sentido, admite-se que em novos levantamentos de dados possam surgir ocorrências inéditas, levando à reconfiguração parcial dos aspectos e características já listadas.

A Tabela 1 permite observar que há uma grande variedade de características observadas nos 88 registros de artefatos analisados. No que diz respeito às ferramentas utilizadas, ao menos oito foram observadas; quanto ao material do suporte, cerca de vinte diferentes itens foram levantados; diferentes formas de hierarquizar as informações diagramadas podem ser notadas, assim como variadas características tipográficas e semânticas emergem do estudo. Além disso, múltiplas combinações entre características refletem o grande número de artefatos singulares presentes no cotidiano urbano.

A combinação de papel como material de suporte e caneta hidrográfica como ferramenta de execução foi a mais recorrentemente observada, embora outras combinações tenham aparecido em maior ou menor quantidade. Também é notável a recorrência de letras de forma ou bastão, quase sempre maiúsculas (foram poucas as ocorrências de letras cursivas). Outro recurso frequentemente encontrado foi o pingo na letra “i”, mesmo em inscrições usando apenas letras maiúsculas.

Com relação à diagramação, percebe-se que, muitas vezes, com uma única ferramenta, obtém-se uma hierarquia clara relativa às informações escritas. Isso se dá por meio de destaque tipográfico (por exemplo ao sublinhar ou engrossar as letras de uma ou mais palavras), pela disposição das palavras, pela variação de tamanho ou por uma combinação dessas técnicas.

Tabela 1 - Aspectos e características observados nos artefatos contendo escritas informais registrados no estudo piloto.

<b>Aspecto</b>	<b>Descrição do aspecto</b>	<b>Características observadas</b>
Logradouro	Local onde artefato foi encontrado.	mercado; rua; estabelecimento.
Disposição	Informações a respeito do modo como o artefato está disposto, bem como se é parte de um sistema de comunicação ou se é uma peça isolada.	parede; vaso; poste; lixeira; parte de conjunto; peça isolada; autoportante; portão; apoiado e/ou escrito no objeto; expositor; janela.
Instalação	Descrição do modo como o artefato foi instalado no local.	afixado com fita adesiva; afixado com parafuso ou prego; grampeado; suporte de aço; clipe; amarrado com fitilho plástico; pendurado por gancho.
Material do suporte	Informação sobre o artefato que contém a informação.	adesivo; papel sulfite; papel cartão; papelão; madeira, mdf ou compensado; plástico; banner; lousa; fita crepe; sem suporte; placa de material indefinido; painel com sulcos; placa de ACM com visores; etiqueta; item plastificado; placa de PS; múltiplo; papel revestido; papel colorido; verso de material; display de acrílico.
Ferramenta e execução	Identificação da técnica empregada na escrita.	pincel; tinta; caneta esferográfica; caneta hidrográfica; fita adesiva; giz; estêncil; tinta spray; aspecto gestual com ferramenta uniformizadora.
Temporalidade	Percepção sobre a durabilidade das informações escritas e/ou do próprio artefato.	perene; efêmero; recorrente.
Conteúdo	Informações sobre a natureza do conteúdo escrito.	preço e/ou itens à venda; informação complementar a outro artefato; pedido; aviso; marketing; contratação; legenda.
Diagramação	Descrição do modo como a informação está disposta no artefato. Identifica também a presença de informações previamente impressas no suporte.	hierarquia por grafismo; hierarquia por tamanho de texto; hierarquia por cor; hierarquia por destaque tipográfico; hierarquia por disposição; parte da informação ou estrutura previamente impressa.
Aspectos gráficos	Informações a respeito das cores e demais elementos gráficos encontrados no artefato.	uma cor; duas cores; mais de duas cores; contorno; caixas; ícones; linhas; grafismo adicional.
Aspectos tipográficos	Uso de maiúsculas ou minúsculas, tipo de letra e demais aspectos intrínsecos ao desenho das letras.	apenas maiúsculas; maiúsculas e minúsculas; letra cursiva; letra bastão; letra desenhada; sublinhado; linha de base irregular.

Figura 2 - Exemplos de diferentes formas de hierarquizar o texto. Da esquerda para a direita e de cima para baixo: por disposição, por tamanho, por cor e por destaque tipográfico.



Na figura 2, é possível observar diferentes maneiras encontradas para organizar as informações dispostas em um artefato. Nas duas imagens acima, é possível notar que uma única ferramenta é utilizada (caneta hidrográfica preta), e algum tipo de hierarquia de informação é obtida pela disposição das palavras (na primeira imagem) e pelo tamanho dos caracteres (na segunda imagem). Já nas duas imagens abaixo, as informações são hierarquizadas por meio do uso da cor e de destaque tipográfico (sublinhado).

Com relação ao conteúdo, há artefatos contendo avisos, pedidos, preços e informações específicas como contratações e promoções (figura 3). Além disso, nota-se que alguns artefatos informais são criados em complemento a outros mais formais, como placas produzidas industrialmente com pictogramas indicando o banheiro ou estruturas com visores que permitem a substituição de placas.

Figura 3 - Exemplos de diferentes tipos de conteúdo: aviso, pedido e contratação.



Dentre as ferramentas utilizadas, embora a predominância seja das canetas hidrográficas (mais de cinquenta ocorrências), também é possível notar o uso de pincéis e tintas, giz (nos formatos líquido e sólido), caneta esferográfica e tinta spray, entre outros materiais (figura 4).

Figura 4 - Exemplos de diferentes ferramentas utilizadas: pincel, giz e caneta hidrográfica.



#### 4.1 Escritas informais nas ruas da Pompeia e da Lapa

Entre os artefatos fotografados nas ruas, observou-se predominância de suportes autoportantes (figura 5), principalmente contendo cardápios de restaurantes. Pode-se supor que sua recorrência se dá devido à facilidade para alterar diariamente as informações nele contidas, e também à possibilidade de serem dispostos nas calçadas em frente aos estabelecimentos durante

todo o período em que estão em funcionamento, voltando ao ambiente interno após o expediente.

Figura 5 - Exemplos de suportes autoportantes encontrados nas ruas percorridas.



Nesse ambiente também foi possível encontrar avisos e informações não comerciais, como indicação de campanhas ou de leitura de água, luz e gás (figura 6).

Figura 6 - Exemplos de conteúdos não comerciais nos artefatos registrados.



Outro aspecto relevante observado nas ruas foram informações relacionadas a um mesmo evento presentes em diferentes estabelecimentos. Um exemplo são os avisos a respeito do sorteio da loteria federal, que ocorre às quartas-feiras e sábados, evento relacionado ao jogo do bicho (figura 7).

Figura 7 - Artefatos presentes em diferentes estabelecimentos informando a respeito do sorteio da loteria federal, utilizado no jogo do bicho.



#### 4.2 Escritas informais no Mercado Municipal da Lapa

O primeiro aspecto que chama atenção nos artefatos encontrados no interior do Mercado da Lapa são os artefatos que fazem parte de um sistema maior de comunicação (figura 8). Algumas lojas dispõem e vendem diversos itens, muitas vezes de um mesmo segmento, e foram identificados diferentes padrões para a inserção dos preços e nomes dos produtos. Muitas vezes, os artefatos utilizados funcionam como legendas, como no caso de itens vendidos a granel e sem embalagem, ajudando em sua identificação.

Figura 8 - Exemplos de conjuntos sistematizados de artefatos, que funcionam também como legendas dos produtos.



Os artefatos contendo escritas informais encontrados no mercado recorrentemente estavam envoltos em plástico, seja por meio de plastificação, ou apenas inseridos em um saco plástico fechado (figura 9). Embora o mercado seja coberto, mantendo os artefatos abrigados da chuva, pode-se supor que tal acabamento proteja os itens do manuseio constante, da umidade de alguns dos itens vendidos, e da limpeza frequente do local.

Figura 9 - Exemplos de artefatos com escritas informais envoltos em plástico.



Também foi possível observar diferentes soluções coexistindo, muitas vezes sobrepostas umas às outras. Essa espécie de palimpsesto era geralmente formada por diferentes placas dispostas sobre um mesmo conjunto de itens, camadas de adesivos e etiquetas sobre um mesmo artefato, ou ainda sobreposições no próprio texto (figura 10).

Figura 10 - Exemplo de diferentes soluções para artefatos contendo escritas informais coexistindo em um mesmo estabelecimento.



Soluções autóctones também foram encontradas em alguns estabelecimentos. A figura 11 exibe três delas: na imagem da esquerda, o artefato gráfico contendo escrita informal foi pendurado sobre as próprias vassouras cuja venda em oferta é anunciada; no centro, um artefato em forma de triângulo isósceles foi encaixado entre cabeças de alho; na imagem à direita, o artefato gráfico foi pendurado por um gancho em formato de S (o mesmo utilizado na disposição dos produtos vendidos pelo estabelecimento).

Figura 11 - Exemplos de soluções singulares para artefatos contendo escritas informais.



Por vezes, as escritas informais usavam como suporte um exemplar do próprio item anunciado. Nesses casos, percebe-se a intenção de transmitir informação de modo direto, evitando dúvidas a respeito do volume ou tamanho do produto (figura 12).

Figura 12 - Exemplos de escritas informais que usam como suporte o próprio item anunciado.



Em alguns casos, foi possível notar que o papel revestido e em gramatura maior utilizado era, na verdade, o verso de material impresso, reaproveitado (figura 13). Pode-se supor que esses materiais, por serem mais espessos e menos porosos, foram utilizados na tentativa de conferir maior vida útil ao artefato.



Figura 13 - Exemplo de artefato com escrita informal executada no verso de material impresso reutilizado.



Na figura 14 podemos ver artefatos produzidos por uma mesma pessoa: uma vendedora, que relatou ter elaborado os cartazes do estabelecimento onde trabalha (à esquerda) e do estabelecimento vizinho (à direita). Embora não se considere uma letrista ou cartazista, a funcionária afirmou gostar de criar cartazes, e ter elaborado o cartaz do estabelecimento vizinho sem cobrar por isso. As letras levemente inclinadas, a mistura de maiúsculas e minúsculas, entre outras características permitem identificar um padrão na escrita informal da vendedora.

Figura 14 - Artefatos contendo escritas informais elaborados por uma mesma pessoa para diferentes estabelecimentos.



Por fim, outro item recorrentemente encontrado foram placas de poliestireno (PS) brancas ou com alguma informação impressa (como a palavra “oferta” que vemos na figura 15, à esquerda). É possível encontrar essas placas à venda na internet, com a indicação de uso de álcool para apagar o conteúdo e reutilizar a placa. As bordas vermelhas que aparecem na imagem à direita na figura 15, por sua vez, foram feitas com caneta hidrográfica sobre papel, obtendo efeito visual similar ao das placas pré-fabricadas.

Figura 15 - Exemplos de placa de poliestireno com moldura impressa (à esquerda) e placas de papel com molduras criadas com caneta hidrográfica (à direita).



É evidente a variedade de soluções, ferramentas, suportes e estilos encontrados no mercado. A abundância de itens a granel possibilita que diferentes sistemas de comunicação coesos sejam criados, e a frequência com que as informações são atualizadas criam um contexto para que sejam abordadas diferentes formas de resolver os problemas de comunicação gráfica encontrados pelas pessoas que ali trabalham.

## 5 Considerações finais

O objetivo do estudo piloto aqui apresentado foi testar métodos e procedimentos para identificar características gráficas de escritas informais presentes no contexto urbano contemporâneo, observando como pessoas que não possuem formação nem experiência em design resolvem graficamente suas necessidades cotidianas de comunicação. Mais especificamente, buscou-se verificar se os métodos da deriva e da análise de artefato ajudariam a identificar características tipográficas, gráficas, materiais, processuais, semânticas, de diagramação e de configuração no espaço encontradas em elementos menos formais e mais espontâneos da paisagem tipográfica da cidade de São Paulo. Os métodos se mostraram eficazes ao possibilitar que fossem identificadas semelhanças e diferenças nos artefatos registrados, bem como a recorrência de determinadas ferramentas e suportes, além de uma ampla variedade de características materiais, de conteúdo e de maneiras de dispor.

A variedade de materiais, recursos e técnicas de diagramação encontradas sugere que pessoas que não atuam como designers nem tiveram formação na área tem capacidade de criar artefatos gráficos que as auxiliam em suas necessidades de comunicação cotidiana (profissionais ou não). Esse argumento vai de encontro ao que a arquiteta e urbanista paulistana Raquel Rolnik (2022, p. 103) descreve ao abordar o planejamento urbano da cidade de São Paulo: “na maior

parte da cidade, economias populares construíram a cidade enquanto já a estavam habitando, e o fizeram com seus meios, recursos e seus próprios repertórios”.

Observar o que a cidade comunica por meio de seus artefatos gráficos ajuda a entender os costumes de seus habitantes. Ao caminhar pelas ruas da cidade de São Paulo às quartas-feiras e aos sábados, por exemplo, é possível se lembrar que trata-se do dia em que o sorteio da loteria federal é realizado, e também que, coincidentemente, é o dia em que a maioria dos restaurantes e lanchonetes oferece feijoada como prato do dia. Os diversos anúncios informais de vagas de trabalho disponíveis sugerem que pessoas em busca de emprego e com perfil adequado os encontrarão ao caminhar pelas ruas do bairro. Além das ofertas e pratos do dia, também pode-se descobrir quais ervas ou sementes são mais utilizadas pelo público, e portanto anunciadas com mais frequência ou mais ênfase pelos vendedores.

A caminhada proporcionou, além dos registros fotográficos, a percepção de sutilezas do ambiente: cheiros, sons, conversas e texturas forneceram dados que complementaram a análise das fotografias. O levantamento de dados realizado neste estudo piloto possibilitou, assim, uma miríade de percepções que podem ser aprofundadas e ampliadas em pesquisas futuras.

Um desafio encontrado durante o levantamento de dados foi a interação com funcionários e proprietários de estabelecimentos. Levar fotos impressas com exemplos de artefatos que fazem parte do estudo pode auxiliar a abordagem antes da realização de registros fotográficos, uma vez que, em geral, ao compreender os objetivos do trabalho, as pessoas se mostraram mais solícitas e interessadas. Foi também possível compreender que para realizar registros fotográficos em estabelecimentos fechados, ainda que públicos, como os mercados municipais, é conveniente obter autorização previamente. Em relação aos limites da pesquisa, o dia escolhido (sábado) pareceu não ser o mais adequado para locais de muita movimentação como o mercado, uma vez que corredores estreitos com alta circulação dificultaram registros fotográficos adequados (isso é, sem a presença de pessoas).

Pode-se especular quais são os caminhos que levam as pessoas a tomar uma decisão e não outra ao criar um artefato gráfico. A escolha do suporte, da ferramenta e da cor, a opção por maiúsculas ou minúsculas, o desejo de escrever em letra cursiva, a maneira de dispor o texto no objeto e o objeto no local são questões para as quais novos levantamentos e entrevistas podem encontrar respostas no futuro. Outras regiões da cidade devem revelar novas características e combinações de aspectos. Além disso, os métodos e procedimentos aqui descritos podem ser usados para analisar escritas informais presentes em outras cidades, estados e até países, contribuindo, através de estudos comparados, para o campo de estudos sobre paisagens tipográficas.

Muitos dos artefatos registrados já não existem, como a fita crepe com a indicação de campanha vista na figura 6, que não se encontra mais no portão cinza da rua Ministro Ferreira Alves. Dezenas de outros devem ter sido criados após o levantamento de dados. Nesse incessante jogo de sentidos, as palavras seguem orientando as pessoas que caminham pelas ruas e avenidas da cidade.

## 6 Referências

BONSIEPE, Gui. **Design, cultura e sociedade**. São Paulo: Blucher, 2011.

BRISOLARA, Daniela Velleda. Paisagens Tipográficas Pelotenses: levantamento inicial do acervo e algumas definições metodológicas. **InfoDesign**, v. 12, n. 2, p. 209–221, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.51358/id.v12i2.399>. Acesso em: 11 julho 2024.

CARDOSO, Fernanda Abreu. As Dimensões do Design Gráfico Vernacular: uma introdução ao universo dos letreiros pintados à mão. **Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares**, v. 2, n. 2, 2005. Disponível em: <http://www.tecap.uerj.br/pdf/v2/cardoso.pdf>. Acesso em: 11 julho 2024.

CARERI, Francesco. **Walkscapes**: o caminhar como prática estética. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998.

COSTA, Giovanna Lejanoski da; FARIAS, Priscila Lena. Resgatando a paisagem tipográfica paulistana através de fotografias: um estudo piloto, p. 1929-1936. In: **Anais do 10º CIDI - Congresso Internacional de Design da Informação e do 10º CONGIC - Congresso Nacional de Iniciação Científica em Design da Informação**. São Paulo: Blucher, 2021. p. 1929–1936. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5151/cidicongic2021-160-354937-CONGIC-Teoria.pdf>. Acesso em: 11 julho 2024.

D'ELBOUX, José Roberto. **Letras e letreiros**: manifestações do Art Déco nos projetos arquitetônicos paulistanos (1925-1955). Tese (Doutorado em Design) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/T.16.2018.tde-01112018-153502>. Acesso em: 11 julho 2024.

D'ELBOUX, José Roberto. **Tipografia como elemento arquitetônico no Art Déco paulistano**: uma investigação acerca do papel da tipografia como elemento ornamental e comunicativo na arquitetura da cidade de São Paulo entre os anos de 1928 a 1954. Dissertação (Mestrado em Design e Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/D.16.2013.tde-10092013-093443>. Acesso em: 11 julho 2024.

DEBORD, Guy-Ernest. Teoria da deriva. In: JACQUES, Paola Berenstein. (org.). **Apologia da deriva**: escritos situacionistas sobre a cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

ELLER, Emerson N. **Letras do cotidiano**: a tipografia vernacular na cidade de Belo Horizonte. Dissertação (Mestrado em Design) - Escola de Design, Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG, Belo Horizonte, 2014.

FARIAS, Priscila L. Epígrafes arquitetônicas paulistanas e londrinas: uma comparação sob a perspectiva do design da informação. **InfoDesign**, v. 12, n. 2, 2015, p. 222–238. Disponível em: <https://doi.org/10.51358/id.v12i2.391>. Acesso em: 11 julho 2024.

FARIAS, Priscila L. **Estudos sobre tipografia**: letras, memória gráfica e paisagens tipográficas. Tese de Livre-Docência - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo - USP, , São Paulo, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/T.16.2017.tde-10032017-161946>. Acesso em: 11 julho 2024.

FARIAS, Priscila L. **Typographic Landscapes**. Website, 2017. Disponível em: <https://sites.google.com/usp.br/typescapes>. Acesso em: 11 julho 2024. Acesso em: 11 julho 2024.

- FINIZOLA, Fátima. **A Tradição do Letreiramento Popular em Pernambuco**: uma investigação acerca de suas origens, forma e prática. Tese (Doutorado em Design) - Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, Recife, 2015.
- FINIZOLA, Fátima. **Panorama Tipográfico dos Letreiramentos Populares**: um estudo de caso na cidade do Recife. Dissertação (Mestrado em Design) - Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, Recife, 2010.
- GALLINA, Gabriel; SCHERER, Fabiano de Vargas. Porto Alegre Gráfica: Levantamento de aspectos gráficos no contexto urbano. In: **Anais do 9º CIDI - Congresso Internacional de Design da Informação e do 9º CONGIC - Congresso Nacional de Iniciação Científica em Design da Informação**. São Paulo: Blucher, 2019. p. 2201–2213. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5151/9cidi-congic-5.0159>. Acesso em: 11 julho 2024.
- GOUVEIA, Anna Paula S.; FARIAS, Priscila L.; GATTO, Patricia S.. Letters and cities: reading the urban environment with the help of perception theories. **Visual Communication** v. 8, n. 3, p. 339-348. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1470357209106474>. Acesso em: 11 julho 2024.
- GOUVEIA, Anna Paula S.; FARIAS, Priscila L.; PEREIRA, André Luiz T.; GALLO, Haroldo. Epígrafes arquitetônicas: assinaturas dos arquitetos e construtores da cidade de São Paulo. **Oculum Ensaios** v. 2008, n. 7/8, p. 38–49, 2008. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/oculum/article/view/360>. Acesso em: 11 julho 2024.
- GOUVEIA, Anna Paula S.; PEREIRA, André Luiz T.; FARIAS, Priscila L.; BARREIROS, Gabriela G.. Paisagens Tipográficas: lendo as letras na cidade. **InfoDesign**, v. 4, n. 1, p. 1 – 11, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.51358/id.v4i1.28>. Acesso em: 11 julho 2024.
- GUIMARÃES, Vinicius; LESSA, Washington Dias. Tipografia pintada no Centro do Rio de Janeiro. **Estudos em Design**, v. 21, n. 1, p. 01 – 22, 2013. Disponível em: <https://estudosemdesign.emnuvens.com.br/design/article/view/108>. Acesso em: 11 julho 2024.
- HANINGTON, Bruce; MARTIN, Bella. **The Universal Methods of Design**: 100 ways to research complex problems, develop innovative ideas and design effective solutions. Beverly: Rockport, 2012.
- LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.
- MARTINS, Bruno Guimarães. **Tipografia popular**: potências do ilegível na experiência do cotidiano. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Minas Gerais, 2005.
- MARTINS, Fernanda. **Letras que flutuam**: o abridor de letras e a tipografia vitoriana. Monografia (Especialização em Semiótica e Cultura Visual) - Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará - UFPA, 2008.
- PAES, Renata Vieira; COUTINHO, Solange Galvão. Revisão sistemática da literatura: memória gráfica, paisagem urbana e a discussão do conceito de Memória Gráfica Urbana. In: **Anais do I Seminário de Pesquisa PPGDesign**. São Paulo: Blucher, 2021. p. 189-203. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5151/isspppgdesign-20>. Acesso em 11 julho 2024.
- PIQUEIRA, Gustavo. **Toda a cidade de São Francisco do Pará conforme encontrada no dia 12 de janeiro de 2020**. Cotia: Ateliê Editorial, 2020.

REGUEIRA, Bianca Faria N.. **Análise tipográfica de manuscritos populares e proposta para criação de novas fontes.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Desenho Industrial / Programação Visual) - Universidade Federal de Pernambuco, 1999.

ROLNIK, Raquel. **São Paulo:** o planejamento da desigualdade. São Paulo: Fósforo, 2022.